

O **LHARES**

C **RUZADOS**

“WE, THE BLACK PEOPLE”: UM PERCURSO ETNOGRÁFICO SOBRE DIREITOS, VIOLÊNCIAS E DEMANDAS PÚBLICAS NA BAÍA DE SÃO FRANCISCO, CALIFÓRNIA - ESTADOS UNIDOS

Flavia Medeiros

Cientista Social (ICHF/UFF), Mestre e Doutora em Antropologia (PPGA/UFF). Pesquisadora do NU-FEP/NEPEAC/UFF e do NEIP. Atualmente é bolsista PNPd/CAPES no PPGA/UFF.

RESUMO

Neste artigo irei refletir sobre o período de 12 meses que passei na Califórnia (EUA) para a realização do meu doutorado sanduíche. Descreverei alguns dos itinerários que percorri na tentativa de apreender certos aspectos da vida social dos mortos na região da Baía de São Francisco, particularmente daqueles vítimas de agentes estatais. Ao procurar mapear caminhos das vítimas de “police brutality” (brutalidade policial), fosse no sistema de justiça criminal ou nos circuitos de ativistas e políticos, encontrei-me com a centralidade histórico-social da “questão racial” naquele contexto. A morte do jovem Mario Woods, vítima letal do excesso de violência policial e as demandas por justiça relativas à sua morte, demonstram como as demandas públicas por “black lives matter” (vidas pretas importam) encontram e resistem às violências que atingem essas vidas.

ABSTRACT

In this paper I will present some reflections of the 12-month period I spent in California for my PhD sandwich research. I am going to describe some of the itineraries I have explored in an attempt to apprehend certain aspects of the social life of dead people in the San Francisco Bay area, particularly those victims of state through its agents. Looking for to map ways of victims of “police brutality”, whether in the criminal justice system or in the circuits of social activists, I have found the historical-social centrality of the “racial question” in that context. The death of young Mario Woods, a lethal victim of excessive police violence and the lawsuits over his death, demonstrate how demands for “black lives matter” find and resist the violence that strikes those lives.

Contatos iniciais

Em 5 março de 2015, embarquei para São Francisco, Califórnia, Estados Unidos para executar o projeto de doutorado-sanduíche¹ aprovado e financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico)² com duração de 12 meses. Na manhã seguinte a minha chegada na cidade, já tinha uma reunião agendada com a funcionária responsável pela recepção de pesquisadores visitantes e pela condução de uma visita guiada no campus da UC Hastings College of the Law, instituição ao qual estive vinculada como “Visiting Foreign Scholar” (Pesquisadora Estrangeira Visitante). Localizada no centro da cidade de São Francisco, no bairro Tenderloin, UC Hastings é a mais antiga faculdade de Direito da Califórnia. A oportunidade de vínculo nessa instituição se deu por contatos prévios esta-

¹ Sobre este tipo de bolsa específica, e as implicações de sua execução na realização do trabalho de campo tal qual realizado por antropólogos ver POLICARPO, 2013; CHAGAS, 2014 e ALVES, 2014.

² Intitulado “Como se negociam os “homicídios”? Uma etnografia comparada sobre os mecanismos de construção de verdades em casos de “crimes intencionais contra vida no Rio de Janeiro/Brasil e em São Francisco/EUA.”

belecidos entre meu orientador, professor Roberto Kant de Lima, e seu colega George Bisharat, professor de Direito Criminal naquela faculdade³.

Bisharat foi o supervisor do projeto de pesquisa no qual eu propus identificar e analisar como determinados conflitos que resultam em mortes eram institucionalmente classificados e geridos, bem como de que maneira as demandas por memória e justiça por esses mortos eram acionadas publicamente no contexto de São Francisco. Meu objetivo era poder contrastar aquele contexto com o que eu já vinha observando no Rio de Janeiro, assim como o que já observara em Buenos Aires (MEDEIROS, 2014a)⁴ refletindo etnograficamente sobre o tratamento institucional dedicado às mortes e aos mortos. (MEDEIROS, 2014b, 2016; MEDEIROS e EILBAUM 2016)

Entre São Francisco, Berkeley e Oakland, principais cidades na região da “Bay Area” (forma pela qual os locais se referem à região nos arredores da Baía de São Francisco) pelas quais circulei, encontrei pessoas, coisas, instituições e situações com as quais eu pude me aproximar a violências, mortes e demandas de justiça. Inicialmente, quando acessei tais demandas, se reforçava localmente o direito à cidade e a crítica à especulação imobiliária, que apontavam para outras formas de violência para além do combate à

³ Os dois pesquisadores são bacharéis em direito e desenvolvem pesquisas em Antropologia do Direito sobre “lawyering” (práticas advocatícias) e temáticas afins. Ambos cursaram juntos, na década de 1980, o PhD em Antropologia em Harvard e desde então, mantiveram contato. As relações entre Kant e Bisharat levaram o primeiro, com financiamento da Comissão Fulbright, em 1990, a realizar trabalho de campo na Defensoria Pública (Public Defender’s Office) de San Francisco, onde o Professor Bisharat, formado em Direito era defensor público. Antes de mim, outros dois colegas do PPGA/UFE, também realizaram doutorado sanduíche na Califórnia, sendo supervisionados por colegas do professor Kant em Harvard. Sobre suas experiências em Hastings e Stanford, ver POLICARPO, 2013 e FILGUEIRAS, 2013.

⁴ Eu já havia realizado uma breve experiência de pesquisa no exterior quando, no segundo ano do mestrado, fui para Buenos Aires realizar um período de três meses, de setembro a dezembro de 2011, de mestrado sanduíche. Naquela ocasião, me chamou a atenção as manifestações, atos e protestos que ocupavam o cotidiano das ruas naquela cidade e nos quais eram prestadas homenagens aos mortos. Além dos atos públicos, a quantidade de referências e intervenções em calçadas, muros e prédios públicos fazia dos mortos sujeitos “presentes” na vida social daquela cidade, o que me permitiu observar e compreender como, de diversas formas, os mortos eram lembrados por familiares e militantes. O lugar social dos mortos construído continuamente dava vida a esses, lhes colocando no espaço público e com sua presença reivindicavam pela memória, verdade e justiça de suas mortes.

brutalidade policial. As atividades junto a esses movimentos se adensaram após a morte de Mario Woods por policiais do “San Francisco Police Department” (SFPD - Departamento de Polícia de São Francisco) no dia 2 de dezembro, no bairro de Bayview, localizado ao sul da cidade e onde residia a maior parte da população preta⁵ de São Francisco. Se inicialmente, as manifestações nas quais participei se dirigiam à demanda por direitos à cidade, moradia e trabalho diante do forte processo de “gentrificação”⁶ propulsado pelas “Tech Companies” (companhias tecnológicas)⁷, a morte de Woods explicitou um outro tipo de tensão entre esses moradores e o governo municipal. Tais reivindicações encontravam consonância com outras já correntes nos EUA, que enfatizavam que “black lives matter” (vidas pretas importam). Levantando uma série de demandas em diálogo com as demandas de escala nacional, desde a que ficou conhecida como “Ferguson Up Rising” (levante de Ferguson), as demandas pelo direito à vida dos “black bodies” (corpos pretos) explicitaram outra dimensão dessa relação entre violência e racismo, nos quais em atos públicos era expressa a importância dessas vidas.

A seguir, irei descrever parte do percurso etnográfico que tracei, pensando como um exercício de reflexão sobre a experiência de pesquisa no exterior, tal como já apresentando por outros pesquisadores. (COLAÇO, 2012; EILBAUM, 2012; RABOSSI, 2015; FACUNDO, 2016). Por essa reflexão espero compartilhar aspectos da minha experiência de estar lá e, particularmente,

⁵ Ao longo deste artigo, optei pela tradução da palavra “black” para “preto”, ao invés de “negro”, para me distanciar da categoria “nigger” do vocabulário anglo-saxão, que se refere a uma forma pejorativa e, quando usada por brancos, compreendida como racista de se referir as pessoas “afrodescendentes”, categoria que também irei apresentar assim como “afroamericano” No Brasil, a forma de se referir a cor da pele das pessoas varia, porém oficialmente a categoria “negro” tem sido usada para se referir a pessoas “pretas” e “pardas”, diferenciando por tom de pele os “negros” de pele mais escura dos “negros” de pele mais clara.

⁶ Entendido como processo de transformação em uma região urbana e no aumento do custo de vida, propulsado pela valorização dos imóveis que infere no perfil dos moradores e usuários.

⁷ A maioria dessas “tech companies” estão situadas em Palo Alto, cidade a uma hora de San Francisco, onde se encontra a Stanford University, e que compõe o chamado “Silicon Valley” (Vale do Silício). Nessa região, o crescimento econômico se deu, sobretudo, pós-Segunda Guerra Mundial, através de indústrias aeronáuticas e de informática. (FILGUEIRAS, 2013: 256). Atualmente, empresas de alta tecnologia, como: Facebook, Google, Apple, HP entre outras, tem sede na região

de como ao me envolver na realização de trabalho de campo fora de meu país, Brasil, pude apreender particularidades que me informavam tanto sobre aquele contexto, como me levaram a refletir sobre as pesquisas que venho desenvolvendo “em casa”, especificamente na região da Baía de Guanabara⁸.

Tais contrastes, entretanto, não se limitam à experiência de trabalho de campo, mas envolvem outras tantas formas de viver, desde comunicar-me em outro idioma, usar outra moeda, apreender códigos formais e etiquetas sociais, inserir-me em outro ambiente acadêmico e de me relacionar com o tempo, espaço e sujeitos distintos. Neste artigo, trago alguns fragmentos dessa experiência particular de pesquisa, me concentrando no trabalho de campo que se deu por itinerários que me levaram a inferir e compreender sobre certos aspectos da “vida social dos mortos” na região da Bay Area, Califórnia (EUA). Particularmente, os mortos vítimas do “police brutality” (brutalidade policial) e que, ao meu ver, explicitam a centralidade histórico-social da “questão racial” naquele contexto⁹.

“Criminal Justice System”

Quando em São Francisco, aproveitei o período de 12 meses para me engajar em diferentes atividades acadêmicas que poderiam contribuir com a realização da pesquisa e no estabelecimento de contatos com agentes que atuavam no “Criminal Justice System” (Sistema de Justiça Criminal), particularmente na “Law enforcement” (aplicação da lei)¹⁰. Ainda na primeira

⁸ Me refiro aos municípios de Niterói, São Gonçalo e Rio de Janeiro, onde nasci e vivi por maior parte da minha vida e onde também tenho realizado trabalho de campo. Apesar de não ser a correntemente usada, essa forma de descrição desta região visa, apenas, traçar um paralelo com aquela que era usada em São Francisco e enfatizar certa semelhança geográfica entre os dois contextos.

⁹ Além deste artigo, tal percurso teve como produtos: a) um podcast intitulado “Ethnographic Research - The study of us?”, entrevista concedida ao canal online “Coroner’s Talk” (<http://coroner-talk.com/ethnographic-research-the-study-of-us>); b) um ensaio fotográfico intitulado ““We, the black people”: diretos, demandas e ativismo na cidade de San Francisco, Califórnia, Estados Unidos, apresentado na X Jornadas de Alunos do PPGA/UFF em outubro de 2016; e c) uma fala na mesa: Violência Policial, “Vidas Negras Importam” e Formas de Resistência no evento Transregional Summit: The Arab Spring meets Black Lives Matter in Rio de Janeiro, realizado no ICHF/UFF em dezembro de 2016, na qual apresentei uma primeira versão desse artigo.

¹⁰ Kant de Lima (2013), diferencia o “Criminal Justice System” da “Segurança Pública e Justiça Crimi-

semana naquela cidade, passei a frequentar dois cursos semanais que estavam sendo ministrados por Bisharat durante aquele semestre¹¹: (1) “Criminal Procedure” (Processo Criminal) e (2) Law and Anthropology (Direito e Antropologia). As aulas de “Criminal Procedure” eram frequentadas por cerca de 40 alunos do curso de Direito e tinha como objetivo apresentar e discutir a legislação criminal norteamericana e seus procedimentos judiciais. Orientadas pela discussão de casos e sua “jurisprudence” (jurisprudência), as aulas contavam com grande interação entre alunos e professor. Em algumas aulas, o professor Bisharat convidou profissionais do “Criminal Justice System” como defensores públicos, promotores de justiça e policiais para compartilharem suas experiências de trabalho e foi a partir desses convidados que estabeleci contatos iniciais para a condução do trabalho de campo em instituições¹².

A aula de Processo Criminal do dia 18 de março teve como dinâmica inicial a encenação de um procedimento judicial que consistia no requerimento da defesa de retirada de uma evidência como parte do processo, uma “motion to suppress evidence” (moção para suprimir evidência). Nesta encenação participavam, Bisharat, uma de suas alunas assistentes, já em fase

nal”. Nos EUA, os policiais são agentes de “law enforcement”, isso é de aplicação da lei, junto com os “District attorneys” e nessa condição, são parte do “Criminal Justice System”. No Brasil, contrastivamente, os policiais seriam agentes de Segurança Pública.

¹¹ Os períodos escolares nas instituições de ensino nos EUA são demarcadas pelos estações do ano, assim os calendários acadêmicos e escolares são divididos em dois semestres principais: Spring (Primavera, correspondente aos meses de janeiro a maio/junho) e Fall (Outono, correspondente aos meses de agosto a dezembro/janeiro).

¹² Outro, o seminário “Law and Anthropology”, para alunos do último ano do curso de Direito, no qual eram discutidos textos etnográficos da Antropologia do Direito. No segundo semestre, correspondente ao Fall, cursei duas disciplinas ministradas pela professora Laura Nader no UC Berkeley Anthropology Department. O curso “The Anthropology of Law and Lawlessness”, voltado para os alunos de nível de graduação em Antropologia e Direito. Nele, o enfoque foi o aprofundamento nas leituras, principalmente etnográficas, e a reflexão de temas relevantes à Antropologia do Direito, tais como direito, violência e moral; burocracias penais; procedimentos investigativos; registros judiciais, práticas e procedimentos de diferentes sistemas de justiça. E o seminário de pós-graduação: “Science and Power” destinado a alunos de diversos cursos interessados na problematização da Ciência enquanto campo de poder. Durante as leituras, o curso abordou a construção da ciência a partir de questões antropológicas para discutir, desde sua perspectiva as possibilidades de relativização de paradigmas e a exploração de novas formas de produção do(s) conhecimento(s).

finalização do curso, uma “public defender” (defensora pública) e um “assistant district attorney” (promotor de justiça). Os agentes atuavam no intuito de demonstrar aos alunos suas funções, o professor era o juiz e a aluna, a acusada prestando depoimento. Todos se orientavam por um roteiro comum, retirado de um caso judicial verídico e compartilhado previamente entre todos (atores e público). Depois do ato, defensora e promotor responderem perguntas dos alunos e no final da aula, ambos foram a mim apresentados por Bisharat. Troquei contatos com eles e pela defensora pública, conheci a patologista forense Judy Melinek.

Foram quatro meses de observação participante no “Alameda County Coroner’s Office” (ACCO - Gabinete Médico Legal do Condado de Alameda)¹³, instituição onde Melinek trabalhava, localizada na cidade de Oakland. Além do acompanhamento de seu trabalho no ACCO, pude estar com ela no seu escritório em companhia de sua assistente, na sua casa com sua família, em reuniões com clientes e esperas nos corredores do tribunal, ou na interação social nos deslocamentos desde São Francisco até Oakland, para os quais ela me dava carona, incluindo idas ao mercado, feiras e restaurantes. Eu também pude acompanhar o trabalho de remoção feito pelos agentes policiais desde o local de crime até o prédio da ACCO durante dois plantões, através do chamado “Ride Along Program” (Programa de Ronda)¹⁴, aberto à comunidade com intuito de divulgar o trabalho realizado por aquela instituição.

O trabalho nessa instituição porém, passou a se restringir, após a morte de um policial do Hayward Police Department (HPD) na noite de 22 de

¹³ A observação neste tipo de instituição dava continuidade ao trabalho de campo que eu já realizara no Rio de Janeiro, no IML e em Buenos Aires, na Morgue Judicial, visando compreender o que venho denominando de “construção institucional de mortos”, isto é, os procedimentos de gestão e controle de cadáveres realizados por agentes investidos de poder pelo Estado para a identificação civil dos mortos, bem como, para constatação médica da causa de sua morte. (c.f. MEDEIROS, 2016a)

¹⁴ O “Ride Along Program” é um tipo de atividade comumente oferecida por polícias nos Estados Unidos para aproximar-se da comunidade e, principalmente, de jovens maiores de idade, que tem interesse pela carreira policial. No ACCO, a participação nesse programa me foi sugerida por seu diretor, que autorizou que eu acompanhasse as atividades de Melinek mas que restringiu minha observação nas demais atividades da instituição, exceto quando estive participando do referido programa.

julho¹⁵. Na manhã seguinte, eu fui ao ACCO, em companhia de Melinek. O corpo do policial já estava lá, no centro da câmara frigorífica e, sobre ele, uma bandeira dos EUA. Alguns policiais, companheiros de trabalho de Scott Lunger, policial morto, ficaram por ali durante todo o tempo. Naquele dia, depois que saímos do Coroner's Office, Judy informou a mim e ao seu estagiário que, por recomendação do chefe do ACCO, não poderíamos acompanhar seu trabalho no dia seguinte, quando seria realizada a autópsia do policial. Depois desse fato, ainda acompanhei Judy algumas vezes ao ACCO, mas o acesso a certas informações passou a ser restringindo por outros membros da equipe. A contratação de um novo chefe-médico para o setor de patologia forense foi o evento que “fechou” o campo, sem que nenhuma justificativa me fosse explicitada. Ainda sim, mantive a relação de interlocução com Melinek até meu retorno para o Brasil.

Além do fechamento do campo no ACCO, tentativas de observação direta e participante com policiais investigadores de homicídios, tal como eu havia realizado no ano anterior no Rio de Janeiro (MEDEIROS, 2016b) foram mal sucedidas. Apesar do contato com agentes da SFPD, mediado por Bisharat e por outra professora de Direito Criminal em Hastings, e com a OPD (Oakland Police Department), mediado por Melinek, consegui realizar apenas três entrevistas com agentes dessas polícias e nunca obtive autorização para acompanhar de modo sistemático o trabalho dessas instituições policiais. Tal período ainda acompanhou-se da realização de entrevistas com cinco Assistant District Attorney (promotores de justiça assistentes), todos responsáveis pela investigação e acusação de suspeitos em casos de homicídio na cidade de São Francisco¹⁶ e, por convite de alguns dos meus

¹⁵ O policial foi morto após parar um veículo por observar um motorista que “dirigia erraticamente”. Quando ele saiu da viatura e aproximou-se do lado do motorista do veículo, este abriu fogo sem aviso prévio. O parceiro do policial morto, que esteve presente, não sofreu lesões e foi quem chamou reforços. O suspeito conseguiu fugir apesar de ser atingido, mas posteriormente foi detido quando buscou atendimento médico num hospital da região.

¹⁶ Dos cinco entrevistados, quatro eram homens, três deles afroamericanos. O que me chamou atenção, considerando que no Rio de Janeiro, raras foram as vezes que encontrei agentes da justiça que não fossem brancos. Ao meu ver, essa diferença explicitava tanto a forma como se deu a integração racial naquele contexto, quanto o racismo e a desigualdade da instituições no Brasil.

entrevistados, acompanhei sessões do “Trial by Jury” e reuniões de conselhos comunitários de segurança na cidade de São Francisco. Para além dos limites e restrições no estabelecimento de contatos e relações com os interlocutores no “Criminal Justice System” da Bay Area, tais entrevistas e observações pontuais foram fundamentais para estabelecer paralelos e contrastes com o contexto do Rio de Janeiro, como já foi apontado por Kant de Lima (2013) ao discutir a dimensão ética e as diferenças nas tradições e formas de atuação dos agentes responsáveis pela aplicação da lei, que contrastivamente tem sido demonstradas por etnografias que explicitação e analisam conflitos e suas formas de administração.

As dificuldades ou limites impostos poderiam acarretar uma certa sensação de fracasso no estabelecimento dessa interlocução. Porém, se por um lado, tal percurso se restringiu, por outro lado, encontrou espaço para a condução de outras atividades e o desenvolvimento de outros contatos e questões que também faziam parte do escopo do projeto que eu me propunha a realizar.

Oscar Grant

Ainda em Hastings, na tarde seguinte à aula de Bisharat acima mencionada, no dia 19 de março, aconteceu o evento “Policing in Trial: Community, Race, Protest and Reform” (Policamento em julgamento: Comunidade, Raça, Protesto e Reforma), reunindo diferentes convidados (pesquisadores, agentes e ativistas) em dois painéis, e exibição e discussão do filme “Fruitvale Station” (2013). Este narra as últimas 24 horas de vida de Oscar Grant (22), morador da Bay Area, morto após ser baleado por um policial numa estação do BART (Bay Area Rapid Transit - Trânsito Rápido da Área da Baía¹⁷) na madrugada do réveillon de 2009.

Como apresentado no filme, os policiais haviam sido chamados para conter uma suposta briga que ocorria em um dos vagões lotados, por volta

¹⁷ Sistema de trem e metrô que conectava a cidade de São Francisco às demais cidades da região por um túnel subaquático que cruzava a baía.

das duas horas da manhã do dia 1º de janeiro de 2009. Quando o trem parou na estação Fruitvale, ao sul da cidade de Oakland, cerca de 20 homens foram retirados do trem e revistados pela polícia. Entre eles estava Grant, que voltava para casa junto de amigos e namorada, mãe de sua filha de 2 anos, naquela data. Os “suspeitos” foram obrigados a ficar de costas, com a testa na parede e as mãos para trás para, aos poucos serem algemados. Não aceitando ser tratado como suspeito e nem algemado, Grant foi contido por dois policiais que o forçaram a se deitar de bruços no chão e colocar as mãos para trás. Nesse momento, o oficial da polícia do BART Police Department (Departamento de Polícia do BART), Johannes Mehserle, tentou imobilizar Grant, posicionando seus joelhos contra o pescoço do jovem que, deitado no chão, ouviu sua declaração de prisão por “resisting an officer” (resistência a um policial)¹⁸.

Segundos as testemunhas, algumas delas portando câmeras e gravando a cena, como relatado no filme, Grant se negava a levar os braços para trás para ser algemado. O policial ameaçou, dizendo que ia usar o taser¹⁹ e Grant reagiu, pedindo para não receber choques mas ainda resistindo em levar os braços para trás. O policial levou sua mão à cintura e sacou uma pistola 0.40, disparando contra Grant que morreu no hospital. Nos dias seguintes a sua morte, diversos protestos foram organizados, alguns deles contando com corte de rodovias e terminando com pessoas detidas. No processo de investigação conduzido pelo Oakland District Attorney Office (Ministério Público de Oakland), o policial Mehserle foi acusado de “second-degree murder” (homicídio de segundo grau) e “voluntary manslaughter”²⁰ (homicídio cul-

¹⁸ No Brasil, ao invés da prisão diante de uma resistência, a prática tem sido a de execução sob a classificação como “auto de resistência”, procedimento administrativo que regulamenta mortes cometidas por policiais contra vítimas que teriam resistido à prisão em um suposto confronto (MEDEIROS e EILBAUM, 2016).

¹⁹ Arma de eletrochoque com baixa letalidade que por uma descarga elétrica de alta tensão imobiliza alguém.

²⁰ Cabe mencionar que nos EUA um homicídio pode ser classificado como um “first degree murder” (homicídio doloso de primeiro grau) ou “felony murder” (homicídio qualificado) sendo esta a classificação mais grave seguida por “murder” (homicídio) depois por “manslaughter” (homicídio culposo) que seria o menos grave. Ainda, há os casos considerados como “justifiable homicide” (homicídios justificáveis) que não são considerados crimes.

poso voluntário), mas se declarou inocente justificando que pensara estar usando um teaser, e não sua pistola, contra Grant. Por conta da sua recusa em aceitar a acusação, e se negar ao “plea bargain” (pedido de barganha) (BISHARAT, 2014), o caso foi levado ao Tribunal do Júri. Em junho de 2010, o policial foi julgado pelo júri e condenado por “involuntary manslaughter” (homicídio culposo involuntário)²¹. Desde então, o caso de Oscar Grant repercutiu em diversos meios de divulgação, inclusive pelo filme de modo a persistir e se tornado um caso emblemático para os moradores da Bay Area e ativistas no que tange a brutalidade policial contra pessoas pretas, e sua impunidade, na região da Bay Area.

“Black Lives Matter”

Desde o Brasil, eu já acompanhava as mobilizações organizadas pelo “Black Lives Matter” (Vidas Pretas Importam), um movimento social originado após uma hashtag publicada na internet via redes sociais e que gerou uma organização de mesmo nome por três fundadoras, Alicia Garza, Patrice Cullors e Opal Tometi, ativistas comunitárias vinculadas ao movimento preto interseccional em suas respectivas cidades (Oakland, Los Angeles e Nova Iorque). Inicialmente, a #blacklivesmatter foi publicada em julho de 2013 em protesto ao resultado de absolvição do policial George Zimmerman acusado da morte do jovem Travon Martin (17) em fevereiro de 2012, na área de Grande Orlando, Flórida. Criada por Cullors, após ler um poema-manifesto escrito por Garza, #blacklivesmatter posteriormente se tornou, via Tometi o nome de duas contas em redes sociais, uma no twitter e outra no tumblr.

Porém, a #blacklivesmatter só “viralizou”, isto é, passou a ser usado regulamente por pessoas diversas nas redes sociais, mais de um ano depois, durante os protestos em Ferguson, Missouri devido à morte de Michael

²¹ Além do julgamento criminal, o departamento de Justiça dos EUA abriu uma ação de “civil rights” (direitos civis) contra o oficial, que ainda está em andamento. Um famoso advogado na Bay Area, John Burris, entrou com uma ação civil contra o BART por indenizações à família de Grant no valor de US\$25 milhões, tendo ganho US\$2,8 milhões para mãe e filha da vítima.

Brown (18) por policiais em agosto de 2014²². Foi quando também o Black Lives Matter se tornou uma organização ativista baseada em seções, isto é unidades locais e comunitárias que passaram a atuar na construção de atos, inicialmente em Ferguson, e depois em diversas cidades nos EUA. O Black Lives Matter como organização se propõe a atuar por intervenções ideológicas e políticas, promovendo lideranças e ativismos locais que consideram a questão racial como diretamente correlacionada com a questão social, “Quando dizemos Black Lives Matter, estamos falando sobre as formas em que os pretos são privados de nossos direitos humanos e dignidade fundamentais.”, explicam suas fundadoras no website oficial da organização²³. Dessa forma, a organização visa combater o racismo estrutural a partir de uma plataforma com ênfase nas pessoas pretas em sua diversidade e interseccionalidade.

A #blacklivesmatter passou a ser utilizada como principal forma do “ativismo midiático” para denunciar e fazer repercutir casos de assassinatos cometidos por policiais contra pessoas pretas desarmadas. Ao explicitar a correlação entre raça e desigualdade social, especialmente pela ênfase na humanização de pessoas pretas, foi mencionada cerca de 40 milhões de vezes nas redes até 2016 (FREELON, et al. 2016) gerando o movimento Black Lives Matter (BLM), que deixou de se restringir ao ambiente virtual para ocupar também as ruas das grandes cidades dos EUA. Assim o BLM passou a ser reconhecido como um movimento social que vai além da organização oficial

²² Brown foi morto em Ferguson (MI) pela polícia e deixado na rua por cinco horas até que seu corpo fosse removido. A população local respondeu sua morte com diferentes atos desde o dia de sua morte, num nível que rapidamente gerou uma onda de comoções e mobilização que cresceu e se intensificou a ponto de se organizar em coligações formadas, principalmente, por jovens pretos que se identificavam com Brown por serem, eles mesmos, continuamente alvo da repressão policial. Particularmente, através da aplicação de leis locais como a que restringia a circulação nas vias públicas, chamada “Walking on street” (Andando na rua) e pela qual Brown já havia sido notificado. As mobilizações após a morte de Brown ficaram conhecidas como “Ferguson Up Rising” (Levante de Ferguson) e a organização desses grupos de maneira manifestante era uma resposta às constantes abordagens violentas e identificadas por eles como racistas, por parte da polícia. Tais manifestações, por sua vez, foram reprimidas fortemente pela polícia com bombas de gás e a instauração de “Martial law” (lei marcial) que consiste no uso de forças militares para repressão e controle da população.

²³ <http://blacklivesmatter.com>

coordenada pelas três ativistas fundadoras. Tendo o racismo como principal alvo, o BLM enquanto movimento inclui diferentes organismos e grupos que encontram na máxima “Vidas pretas importam” o argumento que denuncia o racismo e a reprodução da inferiorização, desigualdade e violência contra pessoas pretas.

Demandas públicas e ativismo

Na Bay Area, a partir do caso de Oscar Grant, passei a buscar por movimentos e grupos que se articulavam na denúncia de casos de brutalidade policial e em torno de demandas por direitos e justiça, como “Justice for Oscar Grant” e “Justice 4²⁴ Alex Nieto”²⁵. Conteí com o recurso das redes sociais para levantar e acompanhar atividades organizadas e divulgadas por esses grupos e através desses, entrei em contato com uma rede que se apresentava como articulada em torno de ações contra a “police brutality” e combate ao racismo e que também compartilhavam e se reuniam sob o movimento BLM. Compunham essa rede, grupos como “The Stop Mass Incarceration Network” (Rede pelo fim do encarceramento em massa); “The Last 3 percent” (Os últimos 3

²⁴ O número 4 é utilizado em substituição ao advérbio “for”, que significa “para”.

²⁵ Alex Nieto (28) era filho de imigrantes mexicanos que viviam no Bairro de Bernal Heights, em São Francisco. Ele foi morto na noite de 21 de março de 2014 por quatro agentes lotados na estação policial da SFPD do bairro de Mission. Nieto era graduado em “Justiça Criminal” no City College Community de San Francisco e trabalhava como segurança particular. Ele estava em seu horário de descanso, numa praça, portando um taser, quando discutiu com um morador que passeava com seu cachorro. Segundo testemunhas, o cachorro atacara a comida de Nieto que reagiu e foi agredido verbalmente e ameaçado de morte pelo dono do cachorro. Nieto, então, puxou seu taser, afastando o homem que imediatamente chamou a polícia, informando-os que o jovem portava uma arma. Depois que saiu do parque, Nieto foi interrompido pelos policiais e apontou seu taser contra eles. Em reação, os policiais sacaram suas armas e dispararam 59 vezes contra Nieto. O julgamento dos policiais iniciaria-se em março de 2016, no entanto, o D.A.’s office optou por não acusar os policiais. O caso judicial foi precedido e acompanhado por contínuas mobilizações por ativistas e seus familiares em diversos pontos da cidade de São Francisco, inclusive na praça de Bernal Heights, onde destinaram a ele um altar. Na celebração dos “Dia de los Muertos” (Dia dos mortos), tradicional pela grande presença de residentes latinos no bairro Mission, que participei no dia 1º de outubro, Nieto foi ostensivamente homenageado, estando “presente” em faixas, cartazes, camisetas e intervenções artísticas. Do ponto de vista contrastivo, foi interesse notar essa presença, construída no âmbito da comunidade latina que se aproximava, dada suas especificidades, do que eu já vinha notado em outros contextos. (MEDEIROS, 2014a).

por cento); “Blackout Collective” (Coletivo Apagão); “Asians for black lives”²⁶ (Asiáticos por vidas pretas), “White color for black lives”²⁷ (Cores Brancas por vidas pretas) e “Anti Police Terror Project” (Projeto Anti Terror Policial).

Tais grupos articulavam-se em torno das demandas pelas vidas das pessoas pretas, mas também incluía latinos e outras minorias étnico-raciais como representado no símbolo do movimento “Stop murder by police” (Parem homicídios pela polícia), incluído no cartaz para a chamada do primeiro ato público que participei, realizado no dia 14 de abril. “#ShutDownA14” (Fechamento de 14 de abril) era a chamada para demonstrações a serem realizadas em diferentes cidades nos Estados Unidos, entre elas Nova Iorque, Chicago, Ferguson, Los Angeles, San Francisco e Oakland. Na imagem, braços desenhados e coloridos com as mãos em sinal de “pare” representavam a diversidade na tonalidade da cor de pele daqueles que em geral seriam abordados e fatalmente vitimados pela polícia e que eram convocados a se reunir em ato contra os assassinatos por policiais. Organizados pela “Stop Mass Incarceration Network”, essa atividade tinha como objetivo chamar atenção aos assassinatos de pretos e pardos pela polícia, como evidenciado tanto no folder, como nos cartazes e nas falas explicitados durante o ato que descrevo a seguir.

Tive a oportunidade de acompanhar e participar do ato realizado em São Francisco que se concentrou no “City Hall” (Palácio da Cidade/Prefeitura) e teve seu início a partir do meio dia. A princípio, havia poucas pessoas mas rapidamente o público se adensou e em cerca de 30 minutos, mais de 100 pessoas

²⁶ A primeira intervenção no espaço público que vi relacionada ao BLM ocorreu durante a celebração do ano novo chinês, um desfile no dia 7 de março de 2015, quando os ativistas do movimento o “Asian for Black Lives” se posicionaram do meu lado no cordão que separava o público dos participantes da parada. Como um acaso do campo, havia dois dias que estavam em São Francisco quando tive a sorte de começar a estabelecer contatos no campo. Dali, eles montaram uma estrutura com computador, projetor e bateria e projetaram no edifício que estava na nossa frente imagens em vermelho e amarelo em inglês, espanhol, chinês e hindu que além do nome do grupo, também diziam “Vidas pretas importam”.

²⁷ O movimento “Cor branca por vidas pretas”, tinha o “white color” como referência ao “jaleco branco” e era um grupo formado, majoritariamente, por estudantes de medicina pretos. Nos EUA, enquanto o “White color” é uma forma de se referir aos profissionais de saúde, o “Blue color” se refere ao trabalhares e operários; e o “Black Color” aos empregos executivos e/ou de escritório.

ocuparam as escadarias em frente ao City Hall. Por diversos cartazes e faixas, que traziam os escritos de “Black Live Matters” (Vidas Pretas Importam) e “Black and Brown Lives Matters” (Vidas Pretas e Marrons Importam), outras demandas ou palavras de ordem eram expressas: “Fight in Solidarity” (lute em solidariedade), demonstrando o elo entre pretos e demais minorias; “White Silence is violence” (Silêncio branco é violência), estabelecendo uma crítica ao silêncio, naturalização e reprodução da violência por pessoas brancas; “We can’t breathe” (Nós não podemos respirar), que fazia referência a última frase de Eric Garner²⁸. Num cartaz, uma jovem expunha “not an isolated accident” (não um acidente isolado), explicitando a correlação de casos que não seriam acidentes isolados mas parte de uma forma de atuação regular da polícia. Os nomes das vítimas estavam presentes em diversas formas, por escrito, em cartazes e inscrições em giz no chão da calçada, e oralmente, quando eram lembrados como no momento que uma jovem ativista ao microfone, leu o nome dos mortos naquele ano, sendo seguida pelo público.

Outro cartaz, “Sin justicia no hay paz” (Sem justiça não há paz), ecoou na voz de um manifestante que fez suas saudações e fala em espanhol, contemplando os representantes latinos, em São Francisco, concentrados principalmente em Mission, bairro que era alvo do maior investimento do mercado imobiliário nos últimos anos²⁹. Em espanhol, o homem de cerca de 40 anos, dizia: “foram oito mil Latinos removidos! São quatro mil tech people se mudando. Eles vão pro Dolores Park beber vinho e cerveja, fumar maconha³⁰ e a polícia não faz nada!!!! Eles (a polícia) que mataram Alex Nitro!” e

²⁸ Garner (43) foi morto por estrangulamento diante das câmeras de transeuntes ao ser abordado por policiais do NYPD (New York Police Department - Departamento de Polícia de Nova Iorque) em 17 de julho 2014. Os policiais suspeitavam que ele estava envolvido em uma briga, mas segundo testemunhas ele foi responsável por separar a briga. Os agressores fugiram e ele que estava desarmado e resistira a prisão, foi imobilizado e morto pelos policiais em seguida.

²⁹ O bairro passou a ser o preferido dos funcionários e donos das grandes empresas tecnológicas que se instalaram na região da Bay Area e do vale do Silício. Entre seus mais proeminentes moradores, estava Mark Zuckerberg, criador e proprietário da rede social Facebook que, segundo os jornais locais que circulavam em 2015, estava construindo uma casa para viver com sua família (esposa e filhos) no valor de US\$10 milhões naquele bairro.

³⁰ Em São Francisco, assim como em toda Califórnia o consumo e produção de cannabis, a maconha é legalizada. Em 2015, o único consumo regulado era aquele realizado por pacientes, moradores

informou de outro evento que estava sendo organizado por seu movimento. Dois representantes das comunidades latinas no “Board of supervisor” (legislativo municipal), também se juntaram aos discursos de diferentes líderes comunitários e ativistas, e pelo microfone fizeram suas falas apontando o “racial profiling” (perfil racial) e “racial discrimination” (discriminação racial) nas ações policiais e nas decisões políticas em São Francisco, demonstrando sua oposição à gestão municipal.

A brutalidade policial era relacionada a outra forma de violência que era a remoção pela especulação imobiliária. Como acompanhei junto ao público que assistia às falas, naquela ocasião o principal reclamo era o crescimento das desigualdades sócio-econômicas na cidade. Com cartazes, e em gritos e cantos enfatizavam: “Esta cidade nos pertence!”; “São Francisco, você diz que não é Ferguson! Nós dizemos que você é a cidade mais desigual dos EUA”; “População pobre, nós temos que nos levantar, ficar de pé”; “Prefeito Lee, você não vê, desigualdade está me matando”, os manifestantes denunciavam a desigualdade que se aprofundava por conta da questão imobiliária.

A ênfase no valor de uma “cultura local”, expressão comum na cidade de São Francisco e arredores, era também utilizada por alguns manifestantes quando diziam “Eu nasci e cresci em São Francisco. Eu fui na escola pública em São Francisco”, reivindicando sua posição como “locals” (nativos). Especialmente aqueles moradores dos bairros de Mission e Western Addition que sofriam com a especulação imobiliária: “Afroamericanos e Latinos tem o direito novamente de viver em São Francisco”. Alguns minutos depois, uma representante do “The Last 3%” dizia em relação aos supervisores: “Nós (os pretos) somos 6% da cidade! O que eles pensam em fazer com a gente? Eu não faço jogo político e eu não gosto deles.”

A reivindicação “local” também abria espaço para a reificação de laços de “community” (comunidade), expressando o senso de coletividade: “nós precisamos fazer nossas vozes serem ouvidas”, disseram no microfone al-

locais regularizados que deveriam se submeter a uma consulta médica para adquirir um medical marijuana card (carteira de maconha medicinal). Sobre consumo e controle de maconha e outras drogas em São Francisco, ver POLICARPO, 2015.

guns dos manifestantes. O sujeito “we” (nós) era muito utilizado, inclusive para reivindicar o direito de ocupar as escadarias do City Hall, quando solicitados a se retirar do local pela polícia: “Nós estamos aqui e nós não vamos sair! Esse é o Palácio da Cidade, são nossos degraus”. Reivindicando a legitimidade de sua cidadania e explicitando certa dimensão cívica naquele ato.

Alguns minutos depois, os manifestantes atenderam ao pedido de se retirar das escadas por parte dos policiais do San Francisco Sheriff’s Department (Departamento do Xerife de São Francisco, vinculado ao Condado de São Francisco), que faziam a segurança do prédio. O ato ocupou a calçada e sem microfone, mas com o auxílio de um megafone, uma manifestante chamava os participantes do ato a gritar “Vidas pretas importam para São Francisco”. Outra, depois, exclamou: “Nós não vamos parar. O movimento vai se mover mas vai continuar!”. Um representante dos moradores do bairro Western Addition, em sua fala, repetiu algumas das falas já antes realizadas e ao final, concluiu “Nos devolva nossas casas! Como ter dois milhões de dólares para comprar uma casa em São Francisco? Nem eu, nem você!”

As expressões públicas pelo direito à cidade, fosse moradia, circulação ou ocupação de espaços públicos, também eram espaço para emoções virem à tona, “Eu estou aqui porque tenho raiva” e “Nós temos total direito de estar com raiva”, eram frases repetidas diversas vezes, por diferentes manifestantes quando diante do microfone ou megafone principal, ou diante do microfone de algum dos jornalistas que faziam a cobertura do ato. A raiva também expressava a urgência, e a situação limite para aqueles manifestantes: “Nós precisamos que algo aconteça agora. Não agora, agora mesmo! Vidas negras importam!”, sendo seguido pelos outros manifestantes em resposta: “Sim, vidas negras importam!”. Um outro manifestante, enunciou uma frase que foi repetida algumas vezes por outros: “Já é suficiente! Chega de brutalidade policial! Poder ao povo!”³¹

³¹ “Power to the people!” se tornou um slogan político que desde os anos 1960, especialmente no movimento preto, ficou conhecida por membros do “Black Panthers”, que conclamavam poder ao povo, para combater a desigualdade social e econômica e a concentração do poder do Estado e dos empresários. (SEALE, 2016)

Às 13h55, começamos a nos movimentar para entrar no City Hall. O objetivo era, principalmente, interromper o encontro do Board of Supervisors (Câmara de Vereadores) que se iniciaria às 14h. Ao canto de “Sem justiça sem paz! Sem polícia racista” os manifestantes, em sua maioria jovens, ocuparam o espaço e os microfones. Com palavras de ordem e pedidos para que as pessoas presentes que estivesse fazendo registros audiovisuais, circulassem nas redes aquelas imagens usando a #shutdownSF: “Hashtag o máximo que você puder nos próximos 45 minutos porque nós temos que lidar com coisas aqui!”, explicou uma das manifestantes sobre a visibilidade necessária naquele momento ao ato. Com a divulgação nas redes sociais, outras pessoas se dirigiram ao prédio mas foram impedidas de entrar.

Na sala onde se daria a sessão, os manifestantes acusavam duas vereadoras, mulheres negras, representantes dos Bairros Bayview e Western Addition (ambos com população majoritariamente negra) de envergonharem a comunidade por não demonstrarem solidariedade ao movimento depois que uma delas, presidente da sessão, resolveu suspende-la temporariamente. Os manifestantes seguiram ocupando o microfone e fizeram mais algumas falas, que duraram cerca de 20 minutos. Em seguida, o grupo saiu da sala e eu os acompanhei ao descer as escadas, onde encontramos um cordão de isolamento formado pelos policiais do Sherrif’s Department usando equipamento de choque, como capacetes, coletes e máscaras, e impedindo que os manifestantes circulassem pelo prédio ou saíssem em direção a entrada principal. “Eles fazem isso porque nós somos pretos e pardos! Porque nós somos a comunidade dessa cidade! Trabalhadores e estudantes!” Alguns representantes se uniram e discutiram ao pé da escada interna que iriam permanecer no prédio, mas voltar para a sala, onde a sessão já havia retomado. Depois da sessão, alguns deles voltaram para a frente do City Hall e se juntaram aqueles manifestantes que chegaram depois. Aos poucos o ato foi se dispersando e quando eu saí, pro volta das 18 horas, havia pouco mais de 20 pessoas no local.

Além desse ato, durante o período do estágio, pude participar de um total de 17 atos públicos organizados por ativistas do movimento

BLM³². Em cada um deles com suas especificidades de local, público e portanto de repertórios e performances particulares, os manifestantes traziam demandas que se aproximavam das acima descritas. Muitos deles, inclusive, eram articulações e desdobramentos da interlocução entre estes participantes com outros, vinculados ao movimento BLM. Tal como a manifestação ocorrida no Mission District no dia 23 de agosto com a participação de artistas, músicos e familiares de vítimas que culminou com um grande ato musical na frente da estação policial daquele bairro. Um outro ato, realizado dias depois na Praça das Nações Unidas, bem próxima ao City Hall, no bairro de Tenderloin no dia 25 de agosto, foi organizado pelo grupo de ativistas que se reúnem no #SayHerName, também do movimento BLM e que visa a memória e a humanização das vítimas mulheres (cis e trans) pretas mortas pela polícia. Naquela ocasião, o ato era em solidariedade as mortes de Sandra Bland³³ (28) em 13 de julho e de Elisha Walker ³⁴(20) em 15 de agosto daquele ano.

Mario Woods

Era final da tarde de 2 de dezembro de 2015, quarta feira, eu voltava de um dia de aula e trabalho na biblioteca no departamento de Antropologia da UC Berkeley para a cidade de São Francisco via BART. Durante o “commuting” (deslocamento por meio de transporte realizado cotidianamente entre

³² Além dos atos, participei de uma série de atividades organizadas e mobilizadas pela comunidade afroamericana como o “San Francisco Black Film Festival” (Festival de Cinema Preto de São Francisco); feiras de livros; mesas e conferências em centros comunitários e na Universidade de Berkeley; exposições de arte entre outros que me deram acesso às informações sobre essa comunidade que estou apresentando ao longo desse texto.

³³ Sandra Bland era uma mulher cis e foi encontrada morta em sua cela, no estado do Texas, três dias após ser presa numa blitz policial de trânsito. Ela foi presa por chutar o policial que a parou por mal sinalização em uma mudança de pista. A disputa pela causa da sua morte foi o principal motivo de engajamento dos ativistas que discordavam da versão de suicídio apresentada pela polícia, e responsabilizavam aqueles que a mantiveram presas por sua morte.

³⁴ Elisha Walker era uma mulher trans cujos restos mortais foram encontrados depois de quase um ano que foi registrado seu desaparecimento no estado da Carolina do Norte em outubro de 2014. O membro de uma gang chamada “Latin Kings” (Reis Latinos), com quem Walker teve um relacionamento, foi acusado e se declarou culpado pela sua morte.

casa e trabalho) checava as atualizações nas redes sociais para saber informações sobre o “San Bernardino mass shooting” que havia ocorrido naquela manhã³⁵. Navegando nas redes, encontrei relatos de um “fatal police shooting” (disparo fatal pela polícia) ocorrido naquela tarde no bairro de BayView.

Nas horas seguintes, acompanhei as redes sociais e, algumas horas depois, já chegando em casa, encontrei via Twitter o registro de um vídeo filmado por um transeunte do MUNI (apelido para “San Francisco Municipal Railway” - Linha Férrea Municipal de San Francisco), transporte público que integra toda a cidade. No vídeo, cerca de 5 policiais alvejavam um homem preto com mais de 20 tiros. Imediatamente compartilhei a notícia com o link do vídeo no Facebook, e nas horas seguintes fiquei acompanhando a repercussão do vídeo nas internet. Ainda naquele dia, o suspeito foi identificado como Mario Woods (26).

Na manhã seguinte, jornais da cidade já noticiavam o fato: Woods momentos antes havia agredido um transeunte que chamou a polícia e foi alvejado pela SFPD portando uma faca de cozinha que posteriormente foi apresentada como evidência na investigação de sua morte. Segundo sua mãe, Woods já havia sido preso numa acusação de roubo e liberado em 2014 e era um paciente psiquiátrico. Para ela, seu filho sofria um surto psicótico quando os policiais o abordaram. Esses, por sua vez, tendo como porta voz o chefe da Polícia, Greg Suhr, justificaram-se dizendo que atiraram porque Woods não atendeu as solicitações dos policiais e tentou atacar os policiais.

No dia 4 de dezembro, foi organizado o primeiro ato pela morte de Woods, e no qual estive presente. Uma reunião na quadra de uma escola em BayView com seus familiares, advogados e representantes do movi-

³⁵ San Bernardino é uma cidade nos arredores de Los Angeles, e nesse dia um casal de origem paquistanesa adentou a sede de uma organização não governamental voltada para pessoas com necessidades especiais. Os atiradores usaram pistolas semi-automáticas e rifles e mataram um total de 14 pessoas, deixando 22 feridas, o maior ataque em massa ocorrido nos Estados Unidos até então. Os autores do massacre foram mortos pela polícia no local. Cabe mencionar que em 2015, foram registrados 372 ataques desse tipo nos EUA, vitimando fatalmente 475 pessoas e deixando mais de 1000 pessoas feridas. (OLDHAM, 2017). No mesmo período, 1146 pessoas foram mortas por agentes das forças policiais nesse país. (THE COUNTED, 2017).

mento preto local que visava mobilizar e organizar atos e uma campanha pela memória e justiça pela morte de Mario Woods. Os advogados pediam ao público que “se você viu algo, se você conhece qualquer pessoa, nos procure”. Um representante da associação de moradores afirmou que diante da “estupidez da SFPD, eles (os moradores de Bayview) tinham que reagir”. Após o encontro, que reuniu cerca de 250 pessoas, saímos para rua, a principal avenida do bairro, onde se iniciou o ato. Por ali, dezoito policiais faziam um cordão de isolamento com viaturas e motos e vestindo equipamentos como capacete, taser e armas, pararam em frente aos manifestantes, limitando sua circulação na via. Os manifestantes, em sua maioria jovens moradores do bairro e colegas de Woods, demonstravam suas emoções pela ira e revolta, se aproximando dos policiais e gritando contra eles frases como: “Racistas!” “SFPD, você me odeia!”, “Não aguentamos mais, isso tem que acabar!”.

Nesse período, eu já conhecia diversos manifestantes de atos anteriores e de encontros pela cidade, e era comum durante os atos cumprimentar e conversar com alguns deles. Um membro do “Antipolice terror project”, homem branco (43), me dizia: “Nós não odiamos os policiais como indivíduos. Eles representam o sistema. Não é sobre classe, ou um indivíduo. É sobre ideologia. E isso está em todo o mundo. Racismo é uma doença, eles sofreram lavagem cerebral e não sabem disso.” Uma outra ativista, mulher negra (24), e reconhecida como uma das líderes do “The last 3%”, ao me ver naquela noite sorriu, me cumprimentou e disse: “Hoje eu estou especialmente com raiva, você pode ver! Mas depois a gente se fala”. E foi para a linha de frente dos manifestantes, puxando o grito que era repetido em coro pelos demais: “SFPD é suja, o maldito sistema é culpado!”. O ato seguiu até a estação policial do bairro, onde eram lotados os policiais que mataram Woods. Lá, outro cordão de isolamento era formado por mais policiais, que circundavam todo o prédio. Os agentes no cordão eram continuamente hostilizados, especialmente policiais pretos e mulheres que ouviam dos manifestantes: “Você devia se envergonhar, se prestar a esse papel! Você deveria estar aqui conosco, lutando pelos nossos. Por eles, você morreria também!”.

Nessa noite, tive a oportunidade de conhecer três jovens, uma prima e duas colegas de escola de Woods. Junto com elas, caminhei ao longo de todo o cordão de policiais e, enquanto eu tirava fotos como costumava fazer em todos os atos, elas tentavam conversar com os policiais “O que você faz aí?”; “Você acha que vale a pena?”; “Não vê que você está rejeitando a sua comunidade?”; “Por que você faz isso?” eram perguntas que elas fizeram a diferentes policiais que, em sua maioria, não respondiam e desviavam ou olhar, ou solicitavam que as jovens se afastassem. Numa aparente tentativa de sensibilizar os agentes, diziam para alguns deles: “Olha pra gente, eles estão nos matando. Eles mataram o Mario, eles querem nos matar.”

Na parte do ato onde estava concentrado o maior número de manifestantes, em frente à estação policial, eles seguiam com palavras de ordem, gritos e expressão de raiva e revolta com gestos e xingamentos contra os policiais. Um manifestante, homem preto (64), membro do “Anti Police Terror Project” e com quem eu conversei durante o ato, pegou o megafone e de costas para a polícia, se virando aos manifestantes do ato falou: “Eles querem nos tirar da nossa cidade... é isso que eles querem. Mas aqui em Bayview somos nós quem estamos, e não vamos sair. E sabe por que? Porque nós somos a São Francisco preta!”

Black San Francisco

Bay View é um bairro localizado ao sul da península onde está situada São Francisco, onde se concentra a maior parte da população preta na cidade. Esses, são principalmente oriundos do fluxo migratório³⁶ vindo de cidades localizadas no chamado “deep south” (sul profundo) nos período após a II Guerra Mundial. Até então, a maioria dos migrantes naquela cidade eram de “asiá-

³⁶ Movimento de migração em massa de afro americanos originários das áreas rurais do sudeste do país, para os centros urbanos no nordeste e oeste do país. O fluxo registrado entre 1916 e 1970 é de mais de seis milhões de pessoas que buscavam melhores oportunidades de trabalho e se distanciava da violência racista manifestada por grupos supremacistas brancos, tais como o KKK, que se concentravam naquela região. Cabe destacar que foi só depois de 1968, como resultado das lutas do Movimento por Direitos Civis que pretos deixaram de ser submetidos a legislações racistas de segregação em cidades e estados no sudeste estadunidense. (BROUSSARD, 1993)

ticos' (principalmente, japoneses e chineses), minorias que compartilhavam a cidade com a maioria "latina" (principalmente mexicanos, originários da região³⁷) e com os diferentes grupos "brancos", (provenientes de outras partes do país e migrantes europeus, destacadamente de origem russa, italiana, judia e irlandesa). Os poucos pretos que estavam em São Francisco se integravam em núcleos de artistas e intelectuais pela invisibilização da questão racial nas relações. Segundo historiadores do período, esses grupos "eram mais aptos a submergir a sua identidade racial e minimizar a diferença. Para Afro Americanos vivendo em São Francisco durante os anos 20 e 30, aceitação pelo mainstream era confidente da invisibilidade racial" (LOTT, 1998, p. 184). Especialmente a cena musical de jazz e blues, outrora concentrada no Fillmore, casa de show tradicional no bairro Western Addition, conhecido como "the Harlem of the West"³⁸; e pelas igrejas protestantes, presentes desde o século XIX na cidade. Apesar dessa aceitação social, a invisibilidade dos pretos na cidade era regularmente apontada como um "mito da tolerância racial"³⁹.

Foi com a chegada de cerca de 10 mil homens, e com eles suas famílias, para trabalharem na construção de navios no pós guerra que, ainda nos anos 40, formou-se um "black ghetto", principalmente de trabalhadores operários na região do bairro onde se encontrava o estaleiro e que passou a ser chamando Bay View - Hunters point⁴⁰. Este, em 1960 era tido como um dos poucos dos bairros pretos de San Francisco. Naquele período, o movimento pelos Direitos Civis havia gerado grandes efeitos simbólicos e políticos nos Estados Unidos, e na Bay Area encontrava sede em sua principal continui-

³⁷ Até 1848, uma guerra pelos território correspondente aos estados da Califórnia, Texas e Novo México, que eram parte do país mexicano, ocorreu entre Estados Unidos e México. Durante esse período, os territórios foram disputados. Sendo pela Califórnia estipulado um valor por seu pagamento para que esse território fosse concedido aos Estados Unidos.

³⁸ O Harlem do Oeste. Harlem é um bairro na cidade de Nova Iorque conhecido pela concentração de movida cultura e artística por parte da população preta daquela cidade.

³⁹ No Brasil, se destaca por contraste o "mito da democracia racial", promovido por Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala.

⁴⁰ Em 1963, James Baldwin documentou a marginalização da comunidade que viva aí, explicitando a desigualdade racial, "está é a São Francisco que América finge não existir", relata em seu documentário. Em 1966, houve uma greve dos funcionários pretos, e na década seguinte, com o fechamento do estaleiro, explodiu a pobreza o desemprego na região.

dade. O “Black Panthers Party” (BPP - Partido dos Panteras Negras), que surgiu em Oakland em 1966, inspirado no Movimento pelos Direitos Civis e que se expandiu por todo aquele país, protagonizando junto aos outros movimentos que se deram durante os anos de guerra fria.

O BPP tinha como base a auto-defesa dos grupos pretos que se consideravam vulneráveis⁴¹, bem como a atuação numa política social de base, via distribuição de alimentos, educação de crianças e adolescentes e organização de programas comunitários e sociais. Tal como outros grupos que se organizaram naquele período, o BPP era formado por jovens oriundos da classe trabalhadora, cujas famílias migraram desde a zona rural para os grandes centros urbanos, onde tiveram acesso ao ensino público de nível superior, como a Universidade de Berkeley, um dos principais centros de reuniões dessa juventude norte-americana que passou a acessar formas críticas de consciência racial e social fortemente influenciada por leituras de Karl Marx, Franz Fanon, Malcolm X, Martin Luther King, entre outros.

São Francisco se representa como uma cidade liberal e global, apesar de suas proporções pequenas - se comparada ao seu nível de importância com outras mega-cidades do mundo. Em 2015, viviam cerca de 500 mil habitantes, sobre um território um pouco maior que 121km². A representação de uma região liberal para Bay Area era reforçada pelos movimentos de contracultura (culminado em 1967, com o verão do amor, concentrando no bairro de Haight Ashbury) e o movimento gay, liderado por Harvey Milk, no bairro do Castro nos anos 1970. Foi, inclusive, nessa década que a população negra atingiu a maior proporção na cidade, quando correspondia a 15% dos moradores. Em 1990, 20 anos depois do início das atividades no Vale do Silício, porém, já era possível observar uma redução para 11%, redução da população negra, atribuída à especulação imobiliária e ao processo de gentrificação impulsionados pelo chamado “primeiro Tech Boom”⁴².

⁴¹ Um grupo que reivindicava o direito previsto na constituição federal estadunidense do porte de armas para auto-defesa, em oposição à atuação não-violenta que era proposta por Martin Luther King, um dos principais líderes do movimento pelos direitos civis naquele país.

⁴² A partir de 1995, com o lançamento do sistema .com, quando diversas empresas de internet foram criadas.

Em 2015, os pretos correspondiam a apenas 4% da população total⁴³. Tal drástica redução na proporção de pretos em relação a demais grupos étnicos na cidade era atribuído ao “segundo Tech Boom”, culminado pelas “startups”⁴⁴ e empresas de internet com redes sociais, sites de vendas e serviços, que estavam sediados na cidade. O valor atribuído a essas empresas, e repassado a seus funcionários e parceiros em forma de salários e lucros, inflacionou o valor dos imóveis e, em consequência, o custo de vida da cidade, que se tornou a com o custo de vida mais elevado dos Estados Unidos.

Como demonstrei, em resposta ao processo de “gentrificação” do qual percebiam estar sendo alvo, diversos grupos, auto identificados como “black and brown” (pretos e pardos) se organizaram em movimentos sociais pela demanda por moradia, empregos e direito à cidade. A principal demanda que reunia latinos e pretos se referia ao direito da cidade, pelo direito de permanecer e contra a gentrificação promovida pelas “tech companies”. Essas eram correlacionadas à demandas translocais, da chamada “diáspora preta, que reivindicavam o lugar na cidade, mas também que denunciavam o racismo pelas suas práticas que se expressavam inclusive na restrição da possibilidade de circulação, no direito de ir e vir.

“We demand”

A morte de Mario Woods por agentes da Polícia de San Francisco em Bayview, onde reside a maior parte da comunidade preta, trouxe a tona outra

⁴³ De certa forma, passei a integrar esse contingente, quando, nas inscrições e preenchimentos de formulários (particularmente, na universidade, no banco, na companhia telefônica, na solicitação de uma DNI e de uma MMJ - Medical Marijuana Card) nos quais devia, ou podia indicar minha cor ou etnia e que, dentre as opções disponíveis me identifiquei com um que a mim era novidade: “afro latina”. Nos EUA, os cadastros utilizados oficialmente que registram informações relativas a etnia, desmembram-se em diversas categorias como expressão da perspectiva igualitária e cidadã representada pelos estadunidenses que podem ser classificados em, ao menos, nove grupos: Brancos; Latinos; Afro-americanos, Americanos-asiáticos; Multirraciais; Nativos americanos; Nativos de ilhas do Pacífico; Indianos e Árabes.

⁴⁴ Pequenas empresas de informática e tecnologia experimental que são lançadas e rapidamente valorizadas para serem revendidas por preços milionários, em geral criadas por jovens empreendedores de diversas partes do mundo que circulam na cidade de São Francisco.

dimensão da tensão entre esta parcela da população e o governo da cidade: a brutalidade policial. Após sua morte, quase que cotidianamente foram realizados atos em BayView, Oakland, em frente ao Palácio da Cidade e ao Palácio da Justiça, e em todos eles os repertórios e performances dos manifestantes expressavam sua ira e raiva, expressando que vidas pretas importam. A articulação em torno do “Justice4MarioWoods”, junto com seus familiares, amigos e ativistas, sistematizou seis pontos de demandas: (1) que a polícia de São Francisco divulgasse o nome dos policiais; (2) que o prefeito da cidade e o chefe da polícia fizessem um pedido de desculpas públicos; (3) que SFPD e Prefeitura pagassem pelo funeral; (4) que o chefe da SFPD fosse demitido. (5) que a polícia de São Francisco, pagasse uma investigação externa pela polícia federal; e (6) que os policiais que participaram da execução fossem demitidos. Cobravam assim, por essas demandas, o “accountability” dos agentes públicos e das instituições, e reivindicavam seu direito de serem reconhecidos igualmente, como formalmente cidadãos que poderiam exercer o controle externo da polícia e responsabilizá-la não apenas por seus atos, como forma de punição, mas também pelas consequências destes (KANT de LIMA, 2013).

O velório de Mario Woods ocorreu 15 dias depois de sua morte, depois que San Francisco Medical Examiner (Instituto Médico Legal de São Francisco) liberou o corpo, numa funerária no bairro de Mission District⁴⁵. Foi ali que familiares, amigos e ativistas prestaram as últimas homenagens ao morto. Estive lá por uma hora, cheguei às 5 horas da tarde, antes do cerimonial religioso que estava marcado para as 7 horas da noite. Nos bancos na capela, algumas pessoas sentadas, em sua maioria familiares que eu já havia encontrando nos atos durante as semanas anteriores e cumprimentei a distância. Na frente do salão, o corpo de Mario Woods

⁴⁵ O enterro ocorreu num cemitério no município de Colma, necrópole localizada ao sul de São Francisco que visitei no dia 2 de novembro, quando é celebrado o dia de Finados e quando se dá a continuidade da celebração do “Dia de los Muertos”. Em Colma viviam um pouco mais de 1500 pessoas e estavam enterrados mais de 1,5 milhão de mortos em cerca de 20 cemitérios distintos.

em um caixão, vestindo fraque completo e com o rosto alterado após ser submetidos à tanatopraxia e necrogimaquiagem.⁴⁶

Notas finais

A execução do projeto de doutorado-sanduiche se encerrou em fevereiro de 2016. O objetivo deste investimento foi a construção de uma perspectiva contrastiva, por provocar a experiência em “outro” contexto. Essa perspectiva me permitiu não apenas um conhecimento mais amplo e diversificado sobre a organização social e cultural, mas também a produção de um conhecimento e compreensão mais aprofundado do contexto de pesquisa previamente por mim analisado. Isto porque, o contraste é um dos elementos propulsores do conhecimento antropológico, visando a inovação das concepções diante de categorias, conceitos, valores, experiências estranhas às minhas próprias perspectiva.

Em março de 2016, retornei ao Rio de Janeiro, quando passei a dedicar-me exclusivamente à escrita da minha tese de doutorado, que por atenção e respeito ao prazo estipulado pela CAPES foi defendida oito meses depois. A tese, considerando a amplitude do escopo de questões que explorei a partir da experiência pesquisa em São Francisco, algumas delas mencionadas aqui, se limitou a análise dos dados etnográficos construídos, apenas a partir do trabalho de campo realizado no Rio de Janeiro, no âmbito de uma Divisão de Homicídios da Polícia Civil (MEDEIROS, 2016b).

O presente artigo teve como proposta de descrever e refletir etnograficamente acerca do trabalho de campo desenvolvido em ocasião do estágio no exterior considerando como a trajetória acadêmica vivida naquele período atravessou os percursos para realização de uma pesquisa. Um dos efeitos dessa experiência foi a formulação do meu atual projeto de pós-doutorado, apresentado e aprovado pelo PNPd/CAPES no PPGA/UFF, no qual proponho analisar e discutir a violência institucional em casos de mortes que

⁴⁶ Técnicas de reconstituição facial e corporal para conservação do cadáver, e de minimização das mudanças que ocorrem no corpo após a morte, com o intuito de interferir em sua aparência para um velório.

envolvem policiais, seja como autores ou como vítimas, particularmente a partir das demandas e ativismos referentes a essas mortes.

Ainda, tal experiência fez com que eu colocasse em questão minha própria trajetória e experiências prévias. Naquele contexto, em contato com outras formas de sociabilidade e de se engajar politicamente, pude problematizar, reformular e refletir sobre formas de se perceber e experimentar o racismo e a violência institucional, Diante das demandas por direitos expressas naquele contexto, refratei minhas experiências anteriores e posteriores de pesquisa, e assim, compreender mais um pouco sobre a vida social e institucional dos mortos. Ao refletir sobre as demandas em relação aos direitos humanos acionadas por “pretos” identifiquei como as imagens de sofrimento eram vinculadas naquele contexto aos sentimentos de fúria, ira, raiva, força. Essa expressão de emoções contrasta com a minha experiência no Brasil, no qual as imagens de sofrimento são majoritariamente vinculadas à dor e ao silêncio.

Neste texto, particularmente, explorei formas de construção e mobilização de ativismos e demandas por memória e justiça em relação aos mortos vítimas da violência policial, especialmente, pela participação em atividades e manifestações públicas demandando o reconhecimento de direitos organizadas contra a “brutalidade policial” e o “racismo”, especificamente aquelas vinculadas ao movimento “Black Lives Matter”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Miriam. Desafios para a internacionalização da pesquisa: como fazer trabalho de campo no Canadá?. *Revista Antropolítica*, n. 36, p. 305 -322, Niterói, 1. sem. 2014
2. BROUSSARD, Albert. **Black San Francisco**. Lawrence: University Press of Kansas, 1993; e DANIELS, Douglas. **Pioneer Urbanites**. Berkeley: University of California Press. 1980/90
3. BURTON, Orisanmi. “Black Lives Matter: A Critique of Anthropology.” Hot Spots, *Cultural Anthropology website*, June 29, 2015. <https://culanth.org/fieldsights/691-black-lives-matter-a-critique-of-anthropology>

4. CHAGAS, FONSECA Gisele. **A(s) estrada(s) para Damasco: reflexões sobre as experiências de trabalho de campo em uma sociedade do Oriente Médio**. Revista Antropolítica, n. 37, p. 403-423, Niterói, 2. sem. 2014
5. COLAÇO, José. “Um brasileiro em terras portuguesas”: pequeno relato sobre etnografia e alteridade. **Revista Antropolítica**: Niterói, n. 33, p. 237-249, 2. sem. 2012
6. EILBAUM, Lucia. Entre campos e academias: uma perspectiva comparada entre Brasil e Argentina. **Revista Antropolítica**. n. 32, p. 195-204, niterói, 1. sem. 2012
7. FACUNDO, Angela. Estudar e pesquisar no exterior ou as distâncias que (des) constroem estrangeiros em duas experiências de formação na França e no Brasil. **Revista Antropolítica**, n. 40, Niterói, p.316-332, 1. sem. 2016 .
8. FILGUEIRAS, Márcio de Paula. considerações sobre a experiência de bolsa CAPES/FULLBRIGHT entre 2010e 2011: internacionalização do conhecimento, aspectos institucionais e informais da experiência de “estAr lá”. **Revista Antropolítica**, UFF: Niterói, n. 35, p. 249-261, 2. sem. 2013
9. KANT de LIMA, Roberto. Entre as leis e as normas: Éticas corporativas e práticas profissionais na segurança pública e na Justiça Criminal. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** - Vol. 6 - no 4 - OUT/NOV/DEZ 2013 - pp. 549-580
10. MEDEIROS, Flavia. “Presente!”: um olhar etnográfico sobre o lugar social dos mortos em Buenos Aires. **Revista Antropolítica**, Niterói, UFF, n. 37, 2. sem. 2014a - p. 319.338.
11. _____. O ‘monstro’ e o ‘homem’: Aspectos da construção institucional de mortos no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, UFRJ, Vol. 7, n. 2, 2014b - pp. 347-365.
12. _____. “Matar o morto”: uma etnografia do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro. Niterói: Eduff, 2016.
13. MEDEIROS, Flavia e EILBAUM, Lucia. Onde está Juan: moralidades e sentidos de justiça na administração judicial de conflitos no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico**, Brasília, UnB,v. 41, n. 1, 2016 - pp. 9-33
14. OLDHAM, Abbey. 2015: **The year of mass shootings**. <http://www.pbs.org/newshour/rundown/2015-the-year-of-mass-shootings/> Acessado em 10 de julho de 2017.
15. POLICARPO, Frederico. A Preparação para a viagem: apontamentos sobre as diferenças entre ‘trabalho de campo’ e ‘Fieldwork’. **Antropolítica**, Niterói, n. 34, p. 215-226, 2013
16. _____. **O consumo de drogas e seus controles**. Uma perspectiva comparada entre as cidades do Rio de Janeiro, Brasil, e de San Francisco, EUA. Consequência Editora: Rio de Janeiro, 2016.

17. SEALE, Bobby e SHAMES, Stephen. **Power to the People: The World of the Black Panthers**. Abrams. Nova Iorque, 2016.
18. THE GUARDIAN. The counted: People Killed by police in the US. <https://www.theguardian.com/us-news/ng-interactive/2015/jun/01/the-counted-police-killings-us-database> Acessado em 10 de julho de 2017.